

FAZENDO CINEMA NA ESCOLA

Nívea Andrade

○ que faço com a História? Esta é uma pergunta que muitos alunos me fazem quando começam a ter a disciplina História no currículo. Acredito que esta pergunta deveria ser feita por todos nós, professores, em relação às nossas disciplinas.

Deste questionamento, surgiu a idéia de produzirmos (os alunos e eu) um filme sobre a Revolução Industrial, ocorrida na Inglaterra do século XVIII. Com esta proposta, eu queria que a abordagem da Revolução Industrial permitisse aos alunos um espaço de discussão das relações de trabalho do Brasil do século XXI. Por isso, optei pela produção de um filme no qual os roteiros, os cenários e a atuação fossem de responsabilidade dos alunos.

Nesta experiência, uma cena me chamou a atenção. Percebi que os gestos encenados pelos alunos traziam em si, seus conhecimentos sobre as relações de trabalho, conhecimentos que adquiriram vendo as experiências dos seus pais e de outras pessoas próximas ou distantes. Estes “conhecimentos acumulados” foram chamados por Pierre Bourdieu de *habitus*. O autor explica que *habitus* são princípios que foram interiorizados durante a trajetória de cada pessoa, em sua vida cotidiana. Princípios acumulados que são expressos e perpetuados nas nossas ações, nas nossas práticas, em seguida. Ou seja, originados na prática a ela retornam (Bourdieu, 2000).

Certeau, dialogando com esta tese de Bourdieu, propõe que estas nossas ações, nossas práticas cotidianas, não são apenas fruto de experiências vividas no passado, mas também resultantes das nossas escolhas diante das situações que vivemos no presente.

Quando os alunos/atores encenavam as relações de trabalho no campo, traziam consigo as experiências que assistiram ou vivenciaram nas suas trajetórias históricas, mas também traziam as suas visões de mundo e as suas opções para pensar e agir no presente.

Ao jogar a vassoura no chão para poder discutir com o patrão, a aluna/atriz expressou a necessidade de se desfazer do instrumento de trabalho para se apresentar na mesma condição social que o patrão. Este gesto acumula uma história e expressa uma tática (Certeau, 1994) de inserção nas relações de poder. Ao ver esta cena, me pergunto: será que para além da representação do trabalhador do campo, ali também não estava a representação da vontade política de tantos trabalhadores que povoam os centros urbanos? O gesto em relação à vassoura, por exemplo, me fez lembrar das histórias e das vontades de tantas empregadas domésticas que gostariam de jogar as suas vassouras no chão.

São gestos que fazem parte das redes de conhecimentos e significações nas quais meus alunos e eu estamos mergulhados, cotidianamente. E é nessas interseções, nessas redes, que tecemos juntos os nossos conhecimentos, no momento da aula.

Quando filmamos a expulsão dos camponeses, sugeri ao grupo que a cena começasse com sombras na terra. Na hora, não percebi o quanto eu estava valorizando os únicos três metros quadrados de terra que a escola tinha. Quando percebi este meu gesto, me perguntei por que não tive esta idéia nos cinco filmes que fiz anteriormente com outros alunos.

Encontrei a uma resposta quando percebi que a idéia cresceu da relação, da interseção das experiências daquelas pessoas que estavam produzindo. Por mais que eu repita a experiência do filme, sempre vivenciarei práticas diferentes e idéias diferentes porque elas são tecidas nas minhas relações, nas minhas redes que se cruzam com as redes de tantos outros que participam das práticas de aprendizagem concretas, em determinado *espaçotempo* que é sempre diferente, de ano para ano.

Sobre o (a) autor (a):

Doutorando do ProPEd/UERJ.

Referências bibliográficas (ou textuais):

- BOURDIEU, P. O poder simbólico. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CERTEAU, M. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1994.